

Índice

Agradecimentos	9
Introdução	11
O <i>Chuang Tse</i>	13
Estilo literário	18
A filosofia e o estilo filosófico de Chuang Tse	22
Índice detalhado	27

Chuang Tse

Capítulo I — Vaguear livremente e sem amarras	31
Capítulo II — Ensaio sobre a equiparação das coisas	59
Capítulo III — Nutrir o Senhor da Vida	123
Capítulo IV — O Homem no Mundo	141
Capítulo V — Sinais de Plena Virtude	177
Capítulo VI — O Grande Mestre Ancestral	191
Capítulo VII — Recomendações para os imperadores e para os reis	221
Cheias do Outono	233
Conhecimento vagueava em direcção ao Norte	245
Ensaios primitivistas	249
Cascos de cavalo	251
Abrir malas	257
Textos yanguistas	265
O ladrão Tehe	273
O velho pescador	283
As escolas de pensamento do tempo de Chuang Tse	293
Os três soberanos e os cinco imperadores e as três dinastias	313
Bibliografia	317

CAPÍTULO I

Vaguear livremente e sem amarras

逍遥游



I, 1

Na escuridão do Norte, existia um peixe com centenas de léguas de comprimento, chamado Kun, que depois se transformou num pássaro com centenas de léguas de envergadura, chamado Pang.

Quando Pang levantava voo com vigor, as asas pareciam nuvens no céu.

O oceano começou a ficar agitado
e ele preparou-se para migrar para a escuridão do Sul, a Lagoa Celestial.

No Fabulário de Tchi, um registo do que é surpreendente, diz-se que, «quando Pang começou a viagem para a escuridão do Sul, as suas asas fustigaram a água numa extensão de trezentas léguas. Depois, subiu, rodopiando em espiral, até nove mil léguas de altitude e partiu no sopro do sexto mês, na bruma volteante e na poeira fina que as criaturas vivas respiram e sopram entre si».

No azul do céu, o azul será mesmo a sua cor?
Ou resulta de ele ser distante e de o seu cume ser inalcançável?
Será quando se olha para baixo e se vê algo parecido que ele chega ao fim?

Uma cigarra e uma pomba nova riram-se de Pang, dizendo:

— Quando decidimos elevar-nos e voar, lançando-nos de um ulmeiro para uma árvore do sândalo, muitas vezes não a conseguimos alcançar e caímos por terra. E ficamos por aí! Porque quer ele subir nove mil léguas e como quer conseguir chegar ao Sul?

Só quando há uma acumulação de água suficiente,
ela tem força para sustentar um grande barco.
Se vazarmos a água de uma taça para um buraco no chão,
uma semente de mostarda flutuará nela como um barco.
Mas, se pousarmos a taça na água, ficará colada ao chão.
A água é pouco funda e o barco é grande.

Só quando há uma acumulação de vento suficiente,
ele tem força para sustentar asas grandes.
E só a nove mil léguas de altitude existe tal vento
e só então se torna forte.
É por isso que foi só a essa altitude que,
de costas voltadas para o céu azul,
e sem nada que o pudesse refrear ou fazer parar,
Pang se dirigiu para o Sul.

Como conseguiu chegar ao Sul?
Quem vai para os matagais leva consigo três refeições líquidas
e regressa com o estômago como se estivesse cheio.
Quem tem de caminhar dez léguas leva grão moído e passa a noite fora.
Quem tem de caminhar cem léguas junta grão para três meses.

Mas esses dois animais como o poderiam saber?

O pequeno saber não é comparável ao grande saber.
E uma vida curta não é comparável a uma vida longa.

Como sabemos que é assim?

O cogumelo matinal não sabe que existe a noite de Lua nova
e o louva-a-deus não sabe que há Primavera e Outono.

Porque têm uma vida curta.

Mas, a sul de Tchu, há uma tartaruga, a que chamam o Duende Escuro, para quem quinhentos anos são uma Primavera, e os quinhentos anos seguintes, um Outono.

E, na Alta Antiguidade, havia a Grande Árvore-do-Céu, para quem oito mil anos eram uma Primavera, e os oito mil anos seguintes, um Outono.

Não é lamentável que, hoje em dia, Pang Tsu seja famoso por ter vivido mais de setecentos anos e que todos o queiram igualar?

I, 2

Já se falava disto nas respostas de Ji às perguntas do imperador Tang, nas quais se dizia:

«Nos estéreis pântanos do Norte, há um oceano escuro — a Lagoa Celestial — onde existe um peixe chamado Kun, com cem léguas de comprimento e cujo aspecto se desconhece.

E existe lá também um pássaro chamado Pang, cujas costas parecem o Monte Tai.

Quando ele se eleva rodopiando em espiral, como o corno de um carneiro,

subindo até nove mil léguas de altitude, as suas asas parecem nuvens no céu.

Sulcando a névoa e de costas para o céu azul, ele dirige-se então para a escuridão do Sul.

Uma codorniz ri e diz:

— Onde quer aquele chegar?

Eu corro e salto, subo alguns metros e desço pairando no ar, planando entre as framboesiras e as artemísias.

Isso sim, é a perfeição do voar.

Mas onde quer aquele chegar?»

I,3

Os que têm um saber que é eficaz para um cargo público, ou uma conduta apropriada para uma zona rural,

ou uma virtude adequada para ser um soberano e convocar uma nação,
também se vêem a si mesmos de um modo semelhante.
É isto que distingue os pequenos dos grandes.

Song Rong Tse ria-se de pessoas assim.
Nem que em todo o mundo o elogiassem se sentiria mais estimulado.
Nem que em todo o mundo o achassem errado se sentiria mais desanimado.
Distinguia a conduta interna da conduta externa
e discutia qual era a fronteira entre a honra e a desonra.
Mas ficava-se por aí.
O seu modo de estar no mundo ainda não se pode considerar o correcto.
Se era o correcto, ainda não tinha sido cultivado.
E havia Lié Tse que cavalgava o vento e sabia deixar-se fluir suavemente
nele.
Mas só durante quinze dias. Depois regressava.
O seu modo de alcançar a felicidade ainda não se pode considerar o correcto.
Se evitava ter de andar a pé, ainda havia algo por que tinha de esperar.

E se alguém cavalgar a pureza do Céu e da Terra,
puser arreios na alteração entre os seis sopros vitais, e vaguear sem fim?
Esse, por que tem ainda de esperar?

Por isso se diz:
O homem perfeito não tem eu.
O homem-espírito não tem obra própria.
O homem sábio não tem nome.



Comentários

Os dois primeiros caracteres do título deste capítulo, 逍遙 (xiāoyáo), em conjunto, sugerem a ideia de vaguear calma e livremente, à vontade, sem cuidados nem amarras, para lugares distantes. Em chinês moderno, podem usar-se para descrever a vida de uma pessoa que se reformou e afastou da azáfama da cidade, indo viver para o campo ou para a montanha. O terceiro carácter, 遊 (yóu), é composto pela chave 辶 (*andar*) e por 廌 (*vaguear livremente*), que graficamente parece evocar os recortes nos bordos de uma bandeira. Pode significar *viajar*, *vaguear*, *passar* ou *alargar a vista*, mas é por vezes substituído pelo carácter 游 (yóu), cuja chave é 氵 (água), que sugere mais a ideia

de nadar, flutuar e andar à deriva. Pode também sugerir a ideia de se deixar agir espontaneamente de acordo com o que é natural. O título deste capítulo sugere por isso a ideia de vaguear para longe, movendo-se livremente como o vento, como os bordos de uma bandeira, ou deixando-se flutuar à deriva. No *Chuang Tse*, esse vaguear está associado à ideia de um deambular mental, espontâneo, livre e sem amarras, distante das concepções habituais.

A expressão 逍遙遊 (*xiāoyáo yóu*), que serve de título deste capítulo, é hoje em dia usada para designar alguém que é considerado inútil por não estar inserido «no real», ou seja, na sociedade.

(I, 1) Este capítulo começa com a história de um peixe enorme, cujo nome — Kun (鯤, *Kūn*), que significa «ovo de peixe» — sugere que é o resultado da transformação de algo extremamente pequeno em algo extremamente grande, com centenas de quilómetros de comprimento. Esse peixe transforma-se depois em Pang, ave mítica que, segundo a tradição, representa o homem animado de altos ideais. Os pequenos animais não entendem qual é a finalidade do voo de Pang nem que as capacidades das coisas grandes são inevitavelmente diferentes e que elas precisam necessariamente de viver em espaços grandes.

No texto original, diz-se que não se sabe quantos milhares de li (里) Kun tem de comprimento. Como um li correspondia a cerca de 576 metros, um milhar de li corresponde a uma distância de cerca de 500 quilómetros. Como uma légua correspondia a cerca de 5 quilómetros, optou-se por falar em centenas de léguas. O Fabulário de Tchi (諧) que se evoca no texto pode ter de facto existido ou ser apenas uma invenção de Chuang Tse. Alguns tradutores sustentam que Tchi poderá ser o nome de uma pessoa.

São curiosos os comentários em que se tenta fazer uma especulação «científica» sobre a flutuação na água e no ar e sobre a cor azul do céu, que talvez se deva apenas à distância; talvez Pang veja a mesma cor ao olhar para baixo, quando está muito próximo do céu. Este tipo de especulação sobre o mundo natural é muito fora do comum para a época. Uma história curiosa, em outro texto clássico (o *Lié Tse*, Perguntas de Tang, 列子湯問, 7), mostra igualmente o desconhecimento que havia nessa época sobre o movimento do Sol:

«Um dia, quando vagueava no Leste, Confúcio viu duas crianças a discutirem e perguntou-lhes porque discutiam. Uma delas disse que achava que o Sol quando nascia estava mais próximo, porque parecia do tamanho do toldo de um carro, e que, ao meio-dia, estava mais distante, porque parecia do tamanho de um prato ou de uma bacia. A outra achava que era o contrário que acontecia porque como, ao nascer do dia, o ar fica muito frio, o Sol deve estar mais distante; se, ao meio-dia, o ar fica

quente, deve ser porque o Sol está mais próximo e por isso aquece mais. Confúcio não conseguiu decidir quem tinha razão. E as duas crianças riram e disseram: “E ainda há pessoas que o consideram uma pessoa com muito conhecimento?”»

Esta fábula, introduz três temas que Chuang Tse desenvolverá mais tarde: a transformação natural das «coisas» (物, wù, termo que inclui também os seres vivos e os tópicos do discurso), ou seja, a «evolução natural» de todas as coisas, simbolizada por um peixe que se torna pássaro; as limitações do conhecimento perspectivo, simbolizado pelas opiniões da cigarra, da pomba e da codorniz; e a felicidade de quem vive e evolui de acordo com a sua «natureza original».

Relativamente à «transformação natural das coisas», diz-se no capítulo XXVII (§1) que «todas as espécies de todas as coisas vão cedendo o lugar umas às outras e assumindo diferentes formas, começando e acabando como num anel em que ninguém se apercebesse do seu encadeamento».

Cada ser tem as suas limitações e faz o que é próprio da sua natureza e vive com igual felicidade, desde que viva de acordo com a sua «natureza original». Quem quer mais do que recebeu da Natureza, sofre inutilmente sem que ninguém o esteja a castigar. Porque existe um limite próprio para cada coisa a partir do qual tudo mais que possa ser desejado apenas levará a lamentações. Os homens, por exemplo, pensam que a vida de Pang Tsu, que teria supostamente chegado aos 767 anos de idade, foi longa, quando há seres que duram muito mais tempo, para não falar no Universo. E desejam conseguir viver tanto tempo como ele. Não é lamentável?

Chuang Tse parece estar a ridicularizar os cultos dedicados às artes da longevidade que surgiram nessa época. Pang Tsu (彭祖, Péng Zǔ) é um personagem lendário famoso pela duração da sua vida. No final da dinastia Shang (1123 a. C.) teria supostamente mais de 767 anos de idade e ainda estava cheio de vigor. Teria perdido 49 esposas e 54 filhos e deixado dois filhos vivos quando morreu.

(I, 2) As respostas do sábio Ji a várias perguntas do imperador Tang (湯), o fundador da dinastia Shang (1766–1754 a. C.), são relatadas no clássico taoista *Lié Tse* (列子湯問, 7). Uma das perguntas era se existiam coisas enormes e minúsculas, longas e breves, semelhantes e diferentes. Ji fala ao imperador dos relatos de animais fabulosos e enormes (como Kun e Pang), de tartarugas e árvores com uma vida extremamente longa (como o Duende Escuro e a Grande Árvore-do-Céu) e de gente minúscula que se dizia existir em locais distantes. E conclui dizendo que não se pode discernir se uma coisa é enorme ou minúscula porque, embora as coisas sejam diferentes, são também iguais no sentido em que cada uma é perfeita como é por natureza e, como nenhuma pode tomar o lugar de outra, não faz sentido compará-las.